

NÃO ME DEPILEI PARA ISSO

CAROLINA VIGNA PRADO¹

Resumo

Análise do processo criativo e significações da série de aquarelas *Não me depilei para isso*, de Carolina Vigna, da exposição individual homônima, ocorrida em 2017, no Museu da Imagem e do Som em Campinas-SP.

Palavras-chave: Feminismo. Aquarelas. Processo criativo.

Abstract

Analysis of the creative process and meanings of the series of watercolors *Não me depilei para isso*, by Carolina Vigna, of the individual exhibition with the same name, which took place in 2017, at the Museu da Imagem e do Som in Campinas-SP.

Keywords: Feminism. Watercolors. Creative process.

O processo criativo aqui descrito e analisado é o meu próprio. Essa escolha possui tanto dificuldades quanto facilidades inerentes. A facilidade maior é o acesso à informação, rascunhos e demais peças fundantes da criação. A dificuldade maior é a ausência de afastamento.

A série analisada, intitulada *Não me depilei para isso*, consiste em 21 aquarelas medindo 50 x 70 cm. Retratam homens de meia-idade e trazem consigo dizeres escritos que ouvi no decorrer da vida e recebi como ofensivos. As bocas dos homens são costuradas com agulha e linha de maneira sutil porém visível.

Essa série compôs uma exposição individual realizada no Museu da Imagem e do Som de Campinas (SP), em maio e junho de 2017.

¹ ¹ Mestre e doutoranda em *Educação, Arte e História da Cultura* na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Possui graduação em *Artes Visuais* (Belas Artes); licenciatura em *Artes Visuais* (Mozarteum); especialização em *História da arte: teoria e crítica* pela Belas Artes. Atualmente leciona na graduação em *Publicidade e Propaganda*, do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2063613822479669>

O viés da série é feminista e trata não apenas de empoderamento mas também do lugar de fala.

Primeiro há o desenho. O sketch de observação é a base de todo o pensamento. Os rascunhos são feitos com lápis, carvão ou outros materiais a base de grafite, sobre papel kraft. A observação é fundamental em todo o processo.

O olho vê o mundo, e o que falta ao mundo para ser quadro, e o que falta ao quadro para ser ele próprio e, na paleta, a cor que o quadro espera; e vê, uma vez feito, o quadro que responde a todas essas faltas, e vê os quadros dos outros, as respostas outras a outras faltas. Não se pode fazer um inventário limitativo do visível como tampouco dos usos possíveis de uma língua ou somente de seu vocabulário e de suas frases. Instrumento que se move por si mesmo, meio que intenta seus fins, o olho é *aquilo* que foi sensibilizado por um certo impacto do mundo e o restitui ao visível pelos traços da mão. Não importa a civilização que surja, e as crenças, os motivos, os pensamentos, as cerimônias que a envolvam, e ainda que pareça voltada a outra coisa, de Lascaux até hoje, pura ou impura, figurativa ou não, a pintura jamais celebra outro enigma senão o da visibilidade. (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 23)

Procuramos o que não está lá. O artista mantém viva a incessante busca de tornar visível o invisível.





Figuras 1 e 2. VIGNA, Carolina. Sketchbook (imagens de processo).

Antes de escolher qual desenho será utilizado na aquarela, o papel é completamente molhado com esponja litográfica e um pouco de pigmento é adicionado já na superfície do papel (*Fabriano Disegno 5*, 210g/m²). Essa primeira mancha não é controlada, é livre e orgânica. Há, portanto, uma busca pelo inesperado.

A experiência do artista visual com o inesperado sugere aos mais maduros a possibilidade de inverter dialeticamente a eventualidade do encontro com o acaso, que se transforma em busca, em espera, em pesquisa. (LARA, 2012, p. 2)

Só então o desenho é escolhido, a partir de sua composição com essa mancha. O traço é feito inicialmente com lápis aquarelável e depois com pincel fino utilizando a aquarela com a pigmentação bem concentrada. Depois do traço feito, inicia-se a manipulação da forma e volume com pincéis apenas com água, utilizando o pigmento que já está no traço.



Figura 3. VIGNA, Carolina. *Você é louca* (2017). Aquarela sobre papel Fabriano Disegno 5, 210g/m², 50x70cm.

Uma vez que a forma tenha volume, sombra e demais características pictóricas, há no mínimo mais uma (normalmente mais duas ou três) lavadas com esponja litográfica bem úmida e a criação de novas manchas. Essa etapa do processo não é completamente no acaso e, em alguns pontos, a água é manipulada com o uso de um canudo (sopro) e/ou secador de cabelo.

O aproveitamento de situações não previstas durante o processo criativo do artista se assemelha à ideia de Serendipidade, um conceito de descoberta científica conhecido entre cientistas como coincidência feliz. (LARA, 2012, p. 3)

Depois das figuras masculinas estarem prontas, secas, etc, é que as frases foram escolhidas para cada uma delas. As frases foram então impressas e, com o auxílio de uma mesa de luz, escritas em nanquim com uma pena caligráfica de bambu.

A autora Regina Lara utiliza a metáfora da costura ao falar de insight:

A sequência ver, compreender e concluir como constituintes do tempo lógico é um conceito que se aproxima e é bastante compatível com as definições apresentadas acima; mas o insight apresentado como uma sutura, uma costura unindo imaginário e o simbólico é propriamente o que ocorre na arte. (LARA, 2012, p. 7)

Essa noção da sutura é muito curiosa para mim, na análise dessa série em específico, porque a ideia de costurar a boca dos homens veio depois. Ao olhar para as obras, percebi que precisava devolver a agressão recebida. Percebi que o esvaziamento de sentido precisava também de um encerramento.

O viés feminista é bem óbvio, assim como o autobiográfico. E isso é relevante não por ser biográfico, mas por ser vivido, mas como não há possibilidade de um trabalho artístico não ser biográfico, tratarei isso como fato dado. O empoderamento feminino frente a violências sofridas também traz em si uma certa clareza quase redundante. Por esses motivos, trato aqui de duas questões que me são muito caras e presentes nesse trabalho, a questão do esvaziamento de sentido e a da fraqueza masculina.



Fig. 4. VIGNA, Carolina. *Eu não te amo* (2017). Aquarela sobre papel Fabriano Disegno 5, 210g/m², 50x70cm.

Vivemos um período em que o masculino perdeu seus referenciais. Não é mais o líder da matilha. Não é mais o provedor. Não é mais o sexo forte, se é que algum dia foi. Todas as construções identitárias masculinas – misóginas ou não, não importa – estão em cheque.

O masculino se construiu como sujeito e, frente ao enfraquecimento, avança sobre aquele que nunca foi sujeito. É uma revolta do enfraquecido, deixou de lado o seu afeto, não sabe lidar, quer dominar. Todas as construções identitárias masculinas – misóginas ou não, não importa – estão em cheque. Gilberto Gil resumiu a questão em *Super Homem: a canção* (1979).

Um dia
 Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
 Que o mundo masculino tudo me daria
 Do que eu quisesse ter
 Que nada
 Minha porção mulher, que até então se resguardara
 É a porção melhor que trago em mim agora
 É que me faz viver
 Quem dera
 Pudesse todo homem compreender, oh, mãe, quem dera
 Ser o verão o apogeu da primavera
 E só por ela ser
 Quem sabe
 O Superhomem venha nos restituir a glória
 Mudando como um deus o curso da história
 Por causa da mulher
 (VAGALUME, 2017)

O sujeito feminino, ao contrário do masculino, por ter sido construído à fórceps, não é fictício, não é frágil.

O "sujeito" masculino é uma construção fictícia, produzida pela lei que proíbe o incesto e impõe um deslocamento infinito do desejo heterossexualizante. O feminino nunca é uma marca do sujeito; o feminino é a significação da falta, significada pelo Simbólico, um conjunto de regras lingüísticas diferenciais que efetivamente cria a diferença sexual. A posição lingüística masculina passa pela individuação e heterossexualização exigidas pelas proibições fundadas da lei Simbólica, a lei do Pai. (...) Ambas as posições, masculina e feminina, são assim instituídas por meio de leis proibitivas que produzem gêneros culturalmente inteligíveis, mas somente mediante a produção de uma sexualidade inconsciente, que ressurgue no domínio do imaginário. (BUTLER, 2003, p. 52)

As mulheres, por nunca terem sido sujeito, por terem sempre estado na periferia, construíram a sua identidade, o seu sujeito, à força e em dúvida. A vantagem de se construir em dúvida é que quando essa construção é questionada não há choque, não há surpresa. O masculino, por não ter sido colocado em dúvida anteriormente, não sabe o que fazer. E, tal qual o menino na escola

que não sabe como se comportar, reage com agressão. Não que a violência deva ou possa ser perdoada, esquecida. Não é esse o ponto. A questão é perceber a fraqueza no ato de violência. A violência é covarde, é a ação dos fracos.

Uma vez a violência proferida, não há retorno. Quem a recebe já sofreu. O sofrimento não é um devir, é sempre um passado. E, como tal, não pode ser apagado. Pode, entretanto, ser ressignificado. E é isso que essa série faz. O caminho de absorver, processar, entender, sofrer, expurgar e transformar em arte é longo e árduo. No meu caso, foram anos armazenando essas agressões. No entanto, a partir do momento em que se tornam manchas, linhas, traços, letras, esvaziam-se. Agora são outra coisa (e sua coisidade² migrou junto).

A série *Não me depilei para isso* trata da falência do masculino como construção identitária e de sua consequente dificuldade de manifestação de afeto.

Há ainda ou, talvez, principalmente, a questão da ressignificação. A agressão dilui-se em manchas, é contida pela linha e termina esvaziada no papel.

² Utilizo aqui a acepção de Heidegger.



Figura 1. VIGNA, Carolina. *Você cozinha mal para caralho* (2017).
Aquarela sobre papel Fabriano Disegno 5, 210g/m², 50x70cm.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LARA, Regina. Acasos, serendipidades e insights nos processos criativos de artistas visuais. In: *Revista Tríades: transversalidades, design, linguagens*. ISSN 1984-0071. Vol. 1, n. 2, 2012. Disponível em: <http://www.revistatriades.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/01/regina_lara_dez.pdf>. Acesso 26 ABR 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. Trad. Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

VAGALUME. *Super-Homem: a canção*. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/super-homem-a-cancao.html>>. Acesso 14 MAI 2017.